

## Apresentação da Tradução

### Goffman e as Mortes da Vida Social

*Daniel De Lucca\**

Filho de pais judeus imigrados da Ucrânia, Erving Goffman nasceu em 1922, na cidade de Mannville, Canadá. Em 1944, assistiu aulas de Sociologia na Universidade de Toronto e ali decidiu fazer mestrado em Antropologia em Chicago, em uma instituição que já gozava de enorme prestígio.

Após adquirir o título de mestre em 1949, partiu para a Escócia, de onde seguiu para as Ilhas Shetland, em um pequeno e isolado vilarejo que seria seu terreno de pesquisa para o doutoramento. Parecia ser o campo perfeito para uma pesquisa antropológica, para praticar a observação participante em uma cultura insular, tal qual fez Malinowski, nas Ilhas Trobriands, e Radcliffe-Brown, nas Ilhas Adamans. No entanto, não foi desse modo que Goffman tratou a questão. Longe de desenvolver um estudo de comunidade e buscar os princípios de organização social, voltou-se para o exame de situações e condutas de comunicação que poderiam ser observadas em lugares públicos e semipúblicos de outras partes do mundo.

Quase trinta anos depois, em 1982, foi eleito presidente da American Sociological Association. Seu discurso de posse, ainda que redigido, não chegou sequer a ser lido, pois Goffman foi acometido por abrupta morte. Esse texto – o último – tinha em seu título a problemática de pesquisa que fora introduzida pela primeira vez já em sua tese de doutorado e que pareceu perseguir-lhe por toda a vida: a ordem da interação.

Com mais de dez livros publicados, a obra de Erving Goffman extrapolou o contexto disciplinar da Sociologia norte-americana. Foi traduzida para outras línguas, incorporada ao currículo de Ciências Sociais em vários países e apropriada em diversos campos de conhecimento e investigação científica, como a Antropologia, a Educação, a Psicologia Social, a análise institucional, os estudos de comunicação e as pesquisas urbanas sobre os usos do espaço público.

---

\* Doutorando em Ciências Sociais pela Unicamp e pesquisador do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap).

No Brasil, seu trabalho é conhecido, principalmente, por três livros: *Manicômios, Prisões e Conventos* (1974a), *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* (1975a) e *Estigma* (1975b).

Produzidas no início de sua carreira, tais edições são internacionalmente conhecidas como “*The Big Three*”, os livros mais famosos e que mantiveram Goffman por mais de vinte anos como o autor mais referido no *Social Citation Index*. A esses livros soma-se um quarto, de tradução e edição portuguesa, *Os Momentos e seus Homens* (1999), coletânea organizada por Yves Winkin, com uma formidável introdução que apresenta elementos do percurso intelectual e biográfico do autor<sup>1</sup>.

No entanto, a maior parte de sua obra permanece desconhecida do público de língua portuguesa, destacando-se *Frame Analysis* (1974b), o mais longo e talvez o mais teoricamente centrado de seus livros. É nesse momento de sua trajetória que se anuncia uma virada linguística que o aproxima de uma abordagem fenomenológica, tal como analisa Jordão Horta Nunes, tradutor do ensaio que motiva essa apresentação e cuja tese de doutorado, defendida no Programa de Metodologia e Epistemologia das Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, resultou na publicação de dois livros, um deles focado especificamente na Sociologia de Goffman (NUNES, 2005).

Praticante de uma observação empírica atenta e de uma descrição detalhista e cadenciada por um estilo por vezes irônico, Goffman investiga friamente e naturalisticamente a vida social, identificando as regras de troca, imperceptíveis, que regem as ocasiões de copresença.

Sua preocupação volta-se para o estudo dos procedimentos pelos quais os atores se entendem e se articulam entre si, por meio de influências e ocorrências recíprocas, reconhecendo e julgando uma situação para definir a conduta apropriada, tomando posição em um jogo de linguagem e avaliando sua pertinência.

Seu trabalho privilegia duas questões: a interação face a face e os comportamentos em público. Pode-se, inclusive, afirmar que Goffman efetua uma sobreposição entre vida social e vida pública, visto que trata sempre os atores como acessíveis uns aos outros – o que nos deixa, logo de saída, a pergunta sobre o lugar do privado em sua obra. Mas é esta visibilidade mútua, própria aos encontros sociais, que marca a singularidade de seus personagens, fazendo-os serem simultaneamente ativos e passivos, atores e espectadores, sujeitos e objetos da apreciação.

Assim, a interação precede os próprios interagentes, na medida em que é ela que os posiciona. Mesmo que circunscrita pelo conflito e pelo mal-entendido, toda interação depende de certa cumplicidade entre os atores e cobra o engajamento deles. Uma dada dificuldade, ao ser socialmente enquadrada, passa a estruturar a própria experiência dos atores, de modo que não é o indivíduo que constitui a unidade elementar de análise, mas a situação. Goffman trata, então, o indivíduo como uma categoria que faz parte do público, ele depende dessa relação contextualizada e circunstanciada com outro significativo, particular ou generalizado, que lhe faz face.

---

<sup>1</sup> Logo após escrever esta apresentação, foi publicado outro livro de Goffman (2010) em nossa língua, *Comportamentos em Lugares Públicos: Notas Sobre a Organização Social dos Ajuntamentos*.

Mas, se Goffman mantém-se distante de um individualismo metodológico, por outro lado, a própria ideia de sociedade, como realidade coesa e organizada, não parece existir aqui enquanto tal. Ele mesmo afirmou, certa vez, que tomar a “sociedade americana” como unidade de referência “é algo como um escândalo conceitual, muito próximo a uma contradição em termos” (1971, p. 17). Como bom leitor de Simmel, Goffman pensa a sociedade em termos completamente processuais. O social é, então, uma propriedade emergente das ações humanas, uma ocorrência resultante de movimentos múltiplos que a constitui “em ato”.

Com efeito, Goffman tende a conceitualizar a interação como um trabalho ritual – ainda que em certos momentos utilize-se de outras noções, como a dança, o teatro e o jogo –, mas o conceito de ritual provém de certo diálogo que estabelece com Durkheim (2003).

Como se sabe, em *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, o sociólogo francês apresentou o ritual como um momento especial em que a sociedade se manifesta em sua totalidade, afirmando seus fundamentos simbólicos e sua sacralidade como ordem moral. Goffman retoma o conceito, mas abandona o modelo da festa e da efervescência coletiva. Permanece a dimensão convencional de todo ritual, mas este é destronado e perde todo o seu elã extraordinário. Os ritos de interação estão de tal modo distribuídos na trama do cotidiano que a vida ordinária é ela mesma constituída pela miríade desses pequenos rituais que reconhecem a pluralidade de coisas sagradas que existem. Os encontros fortuitos são, então, ritualizados; uma ritualidade generalizada, fragmentada e furtiva.

A todo o momento nos deparamos com pessoas que merecem atenção particular, seja para adorá-las, seja mesmo para evitá-las. Daí sai esta espécie de *mana* individualizado que compõe o sujeito goffmaniano. A vida social é agitada por pequenos deuses e demônios, e a atividade ritual é um modo de manifestar a consideração por um objeto de valor, evitando profanações e violações que possam nos ameaçar. Seja como for, é a reputação e o valor da reputação que estão em jogo nesses rituais.

Graças à tradução feita por Jordão Horta Nunes, temos acesso a um texto de Goffman em que é possível apreciar o modo muito particular como tais rituais são abordados. Publicado em 1952, um ano antes de Goffman tornar-se doutor, “Acalmando o otário” é um ensaio que busca problematizar a experiência social da perda e da derrota. Trata-se de experiência social, pois se refere não só a quem falhou, mas a todos aqueles que, de um modo ou de outro, se envolveram na situação de perda.

Aqui, Goffman reconhece, no embaraço e no mal-estar produzido pelo erro, um descompasso entre o papel desempenhado e o papel reivindicado. A derrota manifesta-se nesse desajuste, na incompetência do ator em desempenhar aquilo que ele reivindica ser.

E os exemplos são vários. Vemos que o jogador que confia em seu jogo e que aposta nisso, quando o perde, encontra dificuldade em manter aquela imagem positiva que tinha sobre si. Também o homem que crê ser um bom marido e se casa tem sua certeza questionada, quando sua esposa pede o divórcio e o abandona. Ou, então, um funcionário que pensa ser ótimo naquilo que faz se vê e passa a ser visto diferentemente quando é tirado de seu cargo ou, então,

é demitido. Em todos os casos, o sujeito já não se encaixa mais, não é mais aquilo que pensava ser. Perdendo sua face, perde também seu mundo e sua verdade.

Esses e muitos outros exemplos oferecidos por Goffman apontam para um duplo movimento de desengajamento e engajamento. O vínculo que se acreditava real desfaz-se, e a desvinculação ferida cobra um novo vínculo, um novo papel no mundo, mesmo que seja o de um perdedor. Afinal, o derrotado também precisa assumir sua derrota, precisa saber representá-la. Mas, na medida em que este reclama, e não aceita o fato da perda, produz-se o “otário”: “uma pessoa que não pode mais sustentar um de seus papéis sociais e está para ser demovido dele; é uma pessoa que está perdendo uma de suas vidas sociais e está para sofrer uma das mortes para ele possíveis” (p. 210).

Com isso, o nascimento de um otário assinala uma morte social. Entre a vida que perdeu e a nova que precisa assumir, o otário se situa em um “entre-lugar”. É a confusão entre os diferentes domínios e papéis sociais, com todo o constrangimento e a indeterminação que a acompanha, que envolve a atividade ritual de acalmar o otário. A arte da consolação que se aplica sobre o otário é um rito de passagem, um modo de tornar suportável a negação do antigo *self*, facilitando a dor que acompanha essa pequena morte e introduzindo o neófito nesse novo e desconhecido mundo.

Para Goffman, todos nós morremos um pouquinho na medida em que, não conseguindo manter as aparências e “livrar a cara”, nossa imagem é desacreditada e difamada perante um público.

Quase dez anos depois desse ensaio, Goffman analisará mais detalhadamente o processo de mutilação do *self* no contexto das instituições totais. Esses estabelecimentos, concebidos como espécies de laboratórios onde os *selves* são objetos de experimentação e remodelação, produzem naqueles que entram uma “mortificação do eu”. Como tais instituições têm a pretensão de suprimir qualquer divisão entre as diferentes esferas da vida que compõem o sujeito, em nome de uma única e mesma autoridade, o recluso é obrigado a abandonar a antiga vida e aprender a lidar com a inflexível imagem de si que a instituição lhe impõe. Essa pretensão totalitária acaba por produzir uma “morte civil”, que, mais do que supressão dos direitos, refere-se ao estreitamento do jogo das civilidades, ou seja, o embotamento da pluralidade de condutas e papéis sociais em que o indivíduo poderia se engajar se estivesse fora da instituição.

Mas, se, em *Manicômios, Prisões e Conventos*, Goffman preocupa-se com a gestão do desvio em um meio fechado, em “Acalmando o otário”, sua preocupação parece voltar-se para os dispositivos de adaptação e reparação das falhas em meio aberto. Entretanto, o mais notável é que ambos os trabalhos, situados entre os primeiros do autor, elaboram uma argumentação semelhante, pautada por um procedimento comparativo, no qual diversas situações são justapostas, abstraído-se delas suas características comuns. Trata-se de uma abordagem que decompõe os aspectos formais presentes em interações e configurações pontuais para se chegar a uma conceituação mais abrangente. Na medida em que os princípios que organizam a experiência prática dos atores vão se revelando, as descrições empíricas fornecem inteligibilidade e passam a constituir o

próprio cerne da argumentação. E é essa análise trans-situacional que permite a Goffman colocar lado a lado um campo de concentração e um convento, no caso das instituições totais, ou, então, comparar o vigarista e o padre na atividade de tranquilizar aquele que sofre uma perda.

Essas homologias mostram como sua abordagem volta-se menos para os motivos e as justificativas que os atores dão para aquilo que eles fazem e mais para suas consequências e respostas em um dado contexto. Mas também é essa linguagem irônica e metafórica, na qual o autor sequer se utiliza das aspas como recurso metalinguístico, que faz Goffman mobilizar nossos sentidos comuns e julgamentos morais, produzindo perspectivas inusitadas e interessantes efeitos de conhecimento. Nesse aspecto, ganhamos muito com a tradução de Nunes, que, preocupado desde sua tese com a validade metodológica dos modelos metafóricos na obra de Goffman, é consciente do poder da palavra e das sutilezas da linguagem, traduzindo com extremo cuidado o texto que segue.

Seja como for, segregando os perdedores em instituições ou acalmando-os, para mantê-los estrategicamente entre nós, a dificuldade de lidar com essa embaraçosa alteridade permanece. Problematicar a experiência de estranhamento que a vida urbana nos propõe cotidianamente parece ser o grande legado da Escola de Chicago. Mas, enquanto esta se esforçou por compreender as formas regulares de ajuste e conflito produzidas pela coexistência de populações em um mesmo território, Goffman construiu sua própria microecologia das interações, interessando-se mais pelas linhas de conduta, em uma dada situação, do que pelas comunidades no espaço urbano. No entanto, “acalmar o otário é um tema de uma crônica social muito básica” (p. 197), que não se restringe a interações pontuais e que pode ser analisada em escalas variadas da vida social. E, se Goffman nos incita a explorar esta complicada e não evidente relação entre ordem da interação e ordem social, sua sugestão, de modo algum, é partir das questões globais e macroestruturais, mas, sim, proceder por uma análise empírica detalhada e que opere na própria construção dos quadros conceituais, considerando que a precariedade e a indeterminação da vida estão sempre vulneráveis a uma morte possível, seja ela grande ou pequena.

## FONTES CONSULTADAS

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOFFMAN, E. *Relations in public: Microstudies of the public order*. New York: Basic Books, 1971.

\_\_\_\_\_. *Manicômios, prisões e conventos*. 1ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1974a.

\_\_\_\_\_. *Frame Analysis: an essay on the organization of experience*. New York: Harper and Row, 1974b.

\_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. 1ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1975a.

\_\_\_\_\_. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 1ª. ed. São Paulo: Zahar, 1975b.

\_\_\_\_\_. *Os momentos e seus homens*. Lisboa: Relógio d'água, 1999.

\_\_\_\_\_. *Comportamentos em lugares públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

NUNES, J. H. *Interacionismo simbólico e dramaturgia – A sociologia de Goffman*. São Paulo: Humanitas/UFG, 2005.